

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.657

Domingo, 20 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Comburo, 38-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Officinas de impressão—Rua da Batalha, 115 e 113

Inicia hoje os seus trabalhos, na Associação dos Artistas de Coimbra, o 2.º Congresso Metalúrgico —

UM CONGRESSO

Na encantadora cidade de Coimbra reúne hoje, dentro de poucas horas, o 2.º Congresso Metalúrgico português. É uma das mais importantes assembleias operárias destes últimos meses, não só pelo grande número de operários a quem interessa como pelos assuntos que vão ser ventilados.

De todos os pontos do país afluíram à referida cidade delegações das inúmeras organizações daquela especialidade, tudo indicando que a magna reunião da classe metalúrgica vai assumir uma importância desusada.

Classe relativamente nova em Portugal, pois o seu despertar começou após a guerra europeia, ela mostra-se entretanto, cada vez mais enérgica e decidida a cooperar com as outras classes na luta pela emancipação do proletariado.

A sua organização não pode, por enquanto, considerar-se perfeita. Devido à complexidade da indústria, grandes dificuldades tem encontrado os seus militantes em dar-lhe uma organização que corresponda não só às necessidades de luta contra o patronato, como de aperfeiçoamento profissional, que não tem sido descurado.

Essas mesmas dificuldades tem ocasionado fortes discussões entre os seus militantes sobre a maneira mais prática de completar os quadros sindicais. Assumem, por vezes, as discussões aspectos de certa violência e irredutibilidade. Estamos convencidos, porém, de que embora cada um bem senhor do seu critério, sabrá neste importante congresso manter acima de tudo o espírito de solidariedade e tolerância absolutamente indispensáveis à unidade e solidez sindicais.

Esperamos que do 2.º Congresso Metalúrgico, a organização das classes que trabalham o metal—a base do quasi toda a indústria moderna—saia mais forte e mais resistente, força e resistência que se reflectirão beneficentemente na C. G. T., ou seja em toda a classe trabalhadora.

As nossas saudações, pois, à classe metalúrgica portuguesa, fazendo votos para que realize o trabalho profícuo!

DE COIMBRA

O 2.º Congresso Metalúrgico

Inaugura-se hoje, pelas 13 horas, na Associação dos Artistas, nesta cidade:—

COIMBRA, 20.—Conforme a Batalha tem noticiado, é hoje, segunda-feira, que nesta cidade se realiza o 2.º Congresso Metalúrgico.

Na quinta-feira chegou aqui o camarada Viana, da Comissão Organizadora do Congresso, para ultimar os trabalhos referentes à sua realização.

Assim, aproveitando a estada aqui deste camarada, o Sindicato Único Metalúrgico de Coimbra convidou a classe a assistir a uma sessão que se realizou na Casa dos Trabalhadores, tendo Viana dissertado um pouco sobre a missão do Sindicato, da Federação e organização sindicalista da família trabalhadora.

O Sindicato Metalúrgico desta cidade editou um manifesto dirigido à classe e a todos os trabalhadores, convidando a assistir às sessões do Congresso, sendo também afixados alguns cartazes anunciando a realização do Congresso Metalúrgico nesta cidade e fazendo igual convite às classes trabalhadoras.

Reina grande animação entre os metalúrgicos, notando-se também grande interesse nas outras classes trabalhadoras, tudo parecendo indicar que uma nova época de luta e vida na organização operária se começa desenvolvendo.

A correspondência dirigida ao Sindicato Metalúrgico de Coimbra, deve ser enviada para casa do secretário geral: Mário da Costa Lebre—Rua da Ponte, nº 11—Coimbra.

Sanatório dos Empreg. no Comércio

A Comissão Central deste Sanatório acaba de receber por intermédio do jornal *Era Nova* a importância de 254900, produto duma quota aberta na Baixa, África Oriental, pelas empregadas comerciais ali residentes.

A Comissão Central vai, de acordo com a direcção do Atlético Club dos Clérigos de Lisboa, realizar no país uma série de desafios em auxílio deste Sanatório.

Quando Cristo agonizou, o sr. Seixas — Eduardo Maria de Jesus — não teve um estremecimento. Sem nenhuma commoção a contrahir-lhe o rosto, a embargar-lhe a voz, colheu lento e bigode e placidamente, afirmou:

— Estamos na Páscoa.

E estavam. Meia hora depois a Páscoa entrava em todas as almas e todas as casas da família Seixas. Uma alegria nervosa apoderava-se da filha, uma tristeza nervosa impressionava a mãe. O pai irrita-se um pouco, não por ressentimento, mas obedecendo ao seu espírito recto, de hábitos velhos, e inimigo de inovações. Durante vinte anos, de novo em novo, durante vinte anos,



Temos a honra de apresentar ao respeitável público o sr. Seixas, proprietário, rico e católico comerciante da nossa praça...

passara, sempre no mesmo dia, quasi à mesma hora, na sua alma uma rajada de indignação de dez minutos.

Este ano o sr. Seixas, acendeu o charuto e preparou socasamente a sua irritação. D. Joana, sua mulher, foi ao encontro do seu caprichoso hábito, voltando a sua filha a encantadora e moderna Tininha.

— Ainda não existis, filha... Foi numa quinta-feira, na igreja dos Mártires. O sr. padre Venâncio ia num ponto tam bonito do seu discurso... Estava muita gente... apertava-se, sufocava-se... Sofria, sentia vergarem-se-me as pernas... Apertaram-me tanto... tanto... Sufoquei, desfaleci, perdi os sentidos... Se não fosse um rapaz alto, forte, de grandes olhos negros, abrir os braços, empurrar os outros... acudime, levantar-me... tu não terias nascido, minha filha.

Sr. Seixas, agitou os olhos e, com o seu amor à exactidão, divergiu:

— Rapaz. Com 45 anos e muitos cabelos brancos?

D. Joana replicou, amarga:

— Tinha, nesse tempo, 25 anos.



A caminho da igreja, e a quinta-feira santa, a mamã mostrava as filhas aos papos secos de Lisboa...

O sr. Seixas comentou, já exasperado: — E não tinha viném. Dei-lhe futuro, foi meu sócio, hoje está rico. Foi generoso. Não lhe devíamos nada. Ele acudiu-te para se dar ares, conquistar simpatias...

A Tininha moveu os lábios, fez maliciosamente:

— A mamã devia ser tam bonita.

D. Joana agradeceu a sua filha num longo olhar de ternura.

Sr. Seixas obteve-se:

— Era melhor que o não fosse...

— Desgraçado, lembre-te que foi



De regresso da igreja, a filha mais velha limpava do vestido exóticos pingos de cera...

aquela conhecida que nos trouxe o começo feliz da nossa vida. Eras um desgraçado sem futuro, sem viném. Se não fosse aquele dinheiro caído do céu—vociferou D. Joana.

— Quando a mamã caiu na igreja dos Mártires... — replicou Tininha.

— Que a tua mãe caís em si, e tu minha filha não zombes de teus pais, que é feio. Respeitem o dia—censurou, iracundo, pai Seixas.

— Que lindo dia — murmurou Tininha.

— Três horas—murmurou o sr. Seixas.

dirigindo-se, apressadamente para a porta

O sr. Seixas era um homem virtuoso. Coleccionara todas as virtudes, embora nenhuma delas o prejudicasse. A virtude—pensava ele—não deve perder um homem: deve salvá-lo. Só o vício prejudica. E, ele, que soubera vencer na vida, entendera sempre que se lucrava 500%, era uma virtude, seria um vício, ganhava menos. A vida do sr. Seixas, sendo um lucro continuo, fora, segundo o seu critério, duma virtude constante.

Nunca esse homem tam equilibrado, sem um estremecimento de alma nem um ataque de fígado, fora tocado dum amor penetrante. Jámais o ódio, essa vileza dos maus ou dos fracos, o contaminara.

Em politica, admirava, com tranquila imparcialidade e fiel constância, todos os governos. Por vezes, a atitude dum governo quasi o arremessava para uma grande excitação. Mas, acalmara-se, refletindo que um irado pensamento contra um governo, equivalia a um poderoso incitamento a desordem.

O sr. Seixas que sempre amava a ordem em sua casa, e na sua loja, desejava a ordem na sua rua e no seu país.

O governo, encarava para o sr. Seixas a suprema sabedoria e a suprema justiça. Ele, sereno homem de bem, ignorava todas as coisas inúteis e perigosas. O mundo dividia-o em duas partes: a que se fornecia na sua loja e a que passava, apressada e indiferente, diante das suas vitrines que tentavam a

e desnecessário pecado depois do seu anterior e lucrativo desmaio.

D. Joana e sua filha Tininha, em quinta-feira de indolências, estavam indecisas. Iriam primeiro ao cinema Condes, ver a vida de Cristo e o Charlie sobre ao céu, ou subiriam a Chiado em visita aos templos? Optaram pelo cinema. Tininha aventurou que ainda havia tempo para as igrejas. Concorreu D. Joana. A entrada do cinema um rapaz murmurou, a outro, próximo do guchet, a convenceu-lo:

— Anda daí... Hoje, as igrejas é que vale a pena.

D. Joana, admirou-se que o cinema estivesse quasi deserto. O porteiro, também disse, desolado:

— É' mau dia, hoje. Está tudo nas igrejas.

D. Joana deixou-se ficar a ver o «Charlie subir ao céu» abraçado à cozinheira dum hotel. Quando no terran, Cristo surgiu de olhos baixos e passos lentos. D. Joana ergueu-se entusiasmada do fauteuil e abandonou o cinema.

Ao entrarem na rua Garrett, sentiram-se tomadas dum encanto forte, duma alegria de vida impetuosa e vibrante. Tininha, requebrava-se, cedea molemente à pressão de tantos olhares, que em extasi sexual a fitavam. Sentiu desejos extravagantes: um desejo de sorrir a todos os rapazes, agradecer-lhes em expressiva mímica a irradiação de vida que deles emanava.

Subiu com sua mãe, vagarosamente, os degraus da igreja. Cinco minutos horríveis em que tam depressa quasi

Seixas, ainda desconfiou... Depois reflectiu que era uma estúpidez desconfiar dum homem que lhe proporcionara meio de romper na vida com decisão, em firme caminhada para o seu velho ideal? Ser comerciante, enriquecer... Seria desconfiar da fortuna, da realidade. Abandonou esse pensamento. Pareceu-lhe monstruoso porque era ruinoso. Ele, não era homem de vícios e essa desconfiar que o podia arruinar estava portanto no polo oposto a todas as virtudes...

Três meses depois, encontrara sua mulher reclinada num sofá, entre os braços do sócio. Não podia duvidar. O sócio rangia e movia-se entre o ruído de dois peitos arquejando, suspirando...

Dominou-o uma cólera surda. Apoderou-se dele uma força estranha. Interferiram-se-lhe os músculos. Sentiu que facilmente estrangularia o sócio, rojaria do seu lar, e pela sua escada, sua mulher, com dois bravos e cruéis pontapes.

Mas, era a ruína—e por isso o sócio não se estragou, nem a mulher, rolara, a pontapes pela escada.

Impunha-se um castigo exemplar. Dois dias depois quebrava na presença da mulher e do sócio, aquele sofá de crime e vício. Diante daquela prova de força física e de energia moral, o sócio empalidecera, e sua mulher desmaiara. Desta vez a scena da igreja dos Mártires não se repetira. O sócio não a encruera

penetrava no templo como recuava ao primeiro degrau. Um empurrão mais forte levou-a para dentro... Sentiu, nos seus braços uma pressão suave, límbia quasi. Volveu-se e o seu rosto por pouco não roçou o dum rapaz alto, de olhos negros e excitados.

Ele, num murmúrio discreto, balbuciu delicadas desculpas. Uma nova onda, em que mulheres e homens, se confundiam e debatiam, em movimentos opostos, sem ruído, num obstinado silêncio, conduziu-os a um canto da igreja. A fadiga prostrara-a. Ficou para ali, num languor inventivo, numa quebra de vontade, que a fazia inclinar, ceder ao rapaz que, num gesto mais ousado, lhe cingia a cintura. Sua mãe, um pouco afastada, fitava com enlévo, o duplito...

Como prêmio das suas virtudes cristãs, recebeu a notícia, à hora do almoço, da sua nomeação para a Ordem Terceira...

A voz do padre elevava-se, dolorosa, na enumeração enfática dos horrores bíblicos.

Súbito, uma das portas da igreja cedeu, e uma nova invasão de fiéis irrompeu, acotovelou, empurrou toda aquela gente. Então, tudo se confundiu. Despareceram sexos, idades, hierarquias sociais, fórmulas de cortezia. Todos se confundiram, se abraçaram, se cumprimentaram. Aqueles corpos passaram a ser um só corpo, a respirar uma única respiração.

Parece que estamos casados—arriscou o rapaz.

E a Tininha não se irrita: envolve-o num olhar de ternura e de incontinida gratidão...

Dois horas depois. E' no quarto de Tininha. D. Joana recomenda:

— Não digas a teu pai que estivemos nos Mártires...

— Não, mamã.

— Tive hoje uma commoção enorme. Lembra-te daquele rapaz que ficou, perto de ti, dentro da igreja?

A Tininha disse que se recordava, ruborizando-se subtilmente.

Sua mãe, continuou:

— Parecia-se tanto com o outro.

— O outro...

— O que me trouxe a casa de trem, quando desmaiei. O que te salvou a tua vida, e talvez a minha.

Só há uma diferença minha mãe—replicou a Tininha com um sorriso subtil.

— Uma diferença?

— E' que nem ele salvou ninguém, nem eu perdi os sentidos.

D. Joana, ia encorajando-se. Converteu-se ante o olhar irónico da filha. De súbito, mirando de relance, o vestido, teve uma exclamação:

— Que tens no vestido?

Tininha, num sobresalto gritou:

— Pingos de vela, mamã.

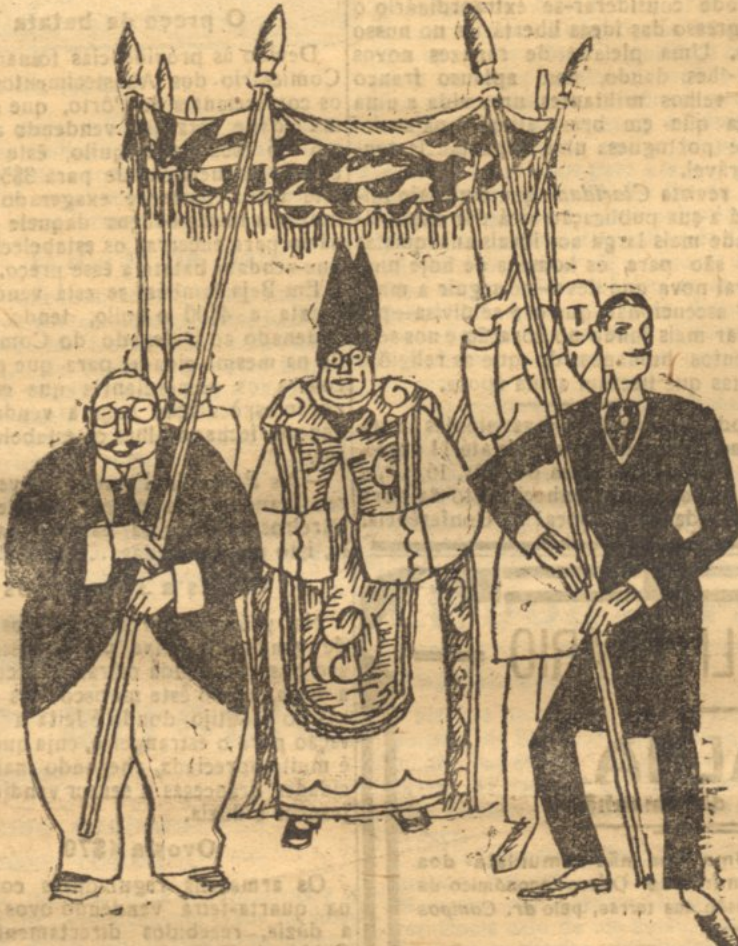
— Pois limpa-os... Se teu pai visse—obtemporou D. Joana, abandonando o quarto, com um ar muito digno, batendo fortemente com a porta...

SÓB O DIVINO OLHAR

A PASCOA DO SR. SEIXAS

História das virtudes públicas e domésticas duma família católica—Os milagres da Igreja dos Mártires—Salvam-se os corpos, mas perdem-se as almas—Foi Deus que o quiz...

—Os contemplados pela "Ordem Terceira" e os atingidos pela "Ordem de Despejo"...



... Enquanto o sr. Seixas, se sentia importante por pagar respetosamente no pálio...

e desnecessário pecado depois do seu anterior e lucrativo desmaio.

D. Joana e sua filha Tininha, em quinta-feira de indolências, estavam indecisas. Iriam primeiro ao cinema Condes, ver a vida de Cristo e o Charlie sobre ao céu, ou subiriam a Chiado em visita aos templos? Optaram pelo cinema. Tininha aventurou que ainda havia tempo para as igrejas. Concorreu D. Joana. A entrada do cinema um rapaz murmurou, a outro, próximo do guchet, a convenceu-lo:

— Anda daí... Hoje, as igrejas é que vale a pena.

D. Joana, admirou-se que o cinema estivesse quasi deserto. O porteiro, também disse, desolado:

— É' mau dia, hoje. Está tudo nas igrejas.

D. Joana deixou-se ficar a ver o «Charlie subir ao céu» abraçado à cozinheira dum hotel. Quando no terran, Cristo surgiu de olhos baixos e passos lentos. D. Joana ergueu-se entusiasmada do fauteuil e abandonou o cinema.

Ao entrarem na rua Garrett, sentiram-se tomadas dum encanto forte, duma alegria de vida impetuosa e vibrante. Tininha, requebrava-se, cedea molemente à pressão de tantos olhares, que em extasi sexual a fitavam. Sentiu desejos extravagantes: um desejo de sorrir a todos os rapazes, agradecer-lhes em expressiva mímica a irradiação de vida que deles emanava.

Subiu com sua mãe, vagarosamente, os degraus da igreja. Cinco minutos horríveis em que tam depressa quasi

Seixas, ainda desconfiou... Depois reflectiu que era uma estúpidez desconfiar dum homem que lhe proporcionara meio de romper na vida com decisão, em firme caminhada para o seu velho ideal? Ser comerciante, enriquecer... Seria desconfiar da fortuna, da realidade. Abandonou esse pensamento. Pareceu-lhe monstruoso porque era ruinoso. Ele, não era homem de vícios e essa desconfiar que o podia arruinar estava portanto no polo oposto a todas as virtudes...

Três meses depois, encontrara sua mulher reclinada num sofá, entre os braços do sócio. Não podia duvidar. O sócio rangia e movia-se entre o ruído de dois peitos arquejando, suspirando...

Dominou-o uma cólera surda. Apoderou-se dele uma força estranha. Interferiram-se-lhe os músculos. Sentiu que facilmente estrangularia o sócio, rojaria do seu lar, e pela sua escada, sua mulher, com dois bravos e cruéis pontapes.

Mas, era a ruína—e por isso o sócio não se estragou, nem a mulher, rolara, a pontapes pela escada.

Impunha-se um castigo exemplar. Dois dias depois quebrava na presença da mulher e do sócio, aquele sofá de crime e vício. Diante daquela prova de força física e de energia moral, o sócio empalidecera, e sua mulher desmaiara. Desta vez a scena da igreja dos Mártires não se repetira. O sócio não a encruera

penetrava no templo como recuava ao primeiro degrau. Um empurrão mais forte levou-a para dentro... Sentiu, nos seus braços uma pressão suave, límbia quasi. Volveu-se e o seu rosto por pouco não roçou o dum rapaz alto, de olhos negros e excitados.

Ele, num murmúrio discreto, balbuciu delicadas desculpas. Uma nova onda, em que mulheres e homens, se confundiam e debatiam, em movimentos opostos, sem ruído, num obstinado silêncio, conduziu-os a um canto da igreja. A fadiga prostrara-a. Ficou para ali, num languor inventivo, numa quebra de vontade, que a fazia inclinar, ceder ao rapaz que, num gesto mais ousado, lhe cingia a cintura. Sua mãe, um pouco afastada, fitava com enlévo, o duplito...

Como prêmio das suas virtudes cristãs, recebeu a notícia, à hora do almoço, da sua nomeação para a Ordem Terceira...

A voz do padre elevava-se, dolorosa, na enumeração enfática dos horrores bíblicos.

Súbito, uma das portas da igreja cedeu, e uma nova invasão de fiéis irrompeu, acotovelou, empurrou toda aquela gente. Então, tudo se confundiu. Despareceram sexos, idades, hierarquias sociais, fórmulas de cortezia. Todos se confundiram, se abraçaram, se cumprimentaram. Aqueles corpos passaram a ser um só corpo, a respirar uma única respiração.

Parece que estamos casados—arriscou o rapaz.

E a Tininha não se irrita: envolve-o num olhar de ternura e de incontinida gratidão...

Dois horas depois. E' no quarto de Tininha. D. Joana recomenda:

— Não digas a teu pai que estivemos nos Mártires...

— Não, mamã.

— Tive hoje uma commoção enorme. Lembra-te daquele rapaz que ficou, perto de ti, dentro da igreja?

A Tininha disse que se recordava, ruborizando-se subtilmente.

Sua mãe, continuou:

— Parecia-se tanto com o outro.

— O outro...

— O que me trouxe a casa de trem, quando desmaiei. O que te salvou a tua vida, e talvez a minha.

Só há uma diferença minha mãe—replicou a Tininha com um sorriso subtil.

— Uma diferença?

— E' que nem ele salvou ninguém, nem eu perdi os sentidos.

D. Joana, ia encorajando-se. Converteu-se ante o olhar irónico da filha. De súbito, mirando de relance, o vestido, teve uma exclamação:

— Que tens no vestido?

Tininha, num sobresalto gritou:

— Pingos de vela, mamã.

— Pois limpa-os... Se teu pai visse—obtemporou D. Joana, abandonando o quarto, com um ar muito digno, batendo fortemente com a porta...

— Não digas a teu pai que estivemos nos Mártires...

— Não, mamã.

— Tive hoje uma commoção enorme. Lembra-te daquele rapaz que ficou, perto de ti, dentro da igreja?

A Tininha disse que se recordava, ruborizando-se subtilmente.

Sua mãe, continuou:

— Parecia-se tanto com o outro.

— O outro...

— O que me trouxe a casa de trem, quando desmaiei. O que te salvou a tua vida, e talvez a minha.

Só há uma diferença minha mãe—replicou a Tininha com um sorriso subtil.

— Uma diferença?

— E' que nem ele salvou ninguém, nem eu perdi os sentidos.

D. Joana, ia encorajando-se. Converteu-se ante o olhar irónico da filha. De súbito, mirando de relance, o vestido, teve uma exclamação:

— Que tens no vestido?

Tininha, num sobresalto gritou:

— Pingos de vela, mamã.

— Pois limpa-os... Se teu pai visse—obtemporou D. Joana, abandonando o quarto, com um ar muito digno, batendo fortemente com a porta...

...

Sr. Seixas acordou de mau humor.

A alegria de ter amparado o pálio acido do visconde não conseguira desvanecer-lhe a impressão que lhe causara uma oscilação brusca da libra.

Ao almoço dissipou-se-lhe toda a irritação. Fora nomeado irmão da Ordem Terceira e os inquilinos do seu prédio tinham, por uma ordem de despejo, os seus haveres na rua.

A Tininha, repetia mentalmente, as frases duma carta que recebera de manhã:

— Nunca olvidarei que conheço todos os segredos da tua alma, todos os segredos do teu corpo. Foi Deus que fez o milagre de nos revelar em alguns minutos o mundo dos nossos sonhos e dos nossos desejos. Porque não prolongamos toda a vida, esse extasi maravilhoso? Foi Deus que o quiz... sou eu que o quero...

Ao erguer-se da mesa, cidiu a sua mãe, num comêço de confidência:

— O que eu gosto daquela igreja dos Mártires!

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

POR ESSE MUNDO FORA

ESPAÑA

O crime da Andaluzia

MADRID, 19.—Continuam as investigações para a descoberta dos assassinos dos dois empregados de correio do rápido de Andaluzia. O comandante da polícia ordenou a constituição de uma brigada especial destinada a essa missão. Os indivíduos detidos por suspeita nestas últimas 24 horas passaram de 20, tendo todos prestado declarações, cuja importância se desconhece.

Afirma-se que a polícia tem já uma pista segura, pois sabe-se que os assassinos estiveram na noite de segunda-feira em uma casa da rua de Villanueva onde realizaram uma larga conferência.

O «chauffeur» Miguel Pedrero prestou novas declarações, mas mostra-se um pouco nervoso, tendo-lhe sido apresentados os indivíduos presos por suspeita, reconheceu em um agente de polícia o mancebo que lhe alugou o automóvel para ir a Alcázar de San Juan.

De todos os pontos de Espanha chegam notícias de haver desconhecidos de que os assassinos tenham estado ali, e perante esta abundância de suspeitas que apenas vem complicar as investigações policiais, o público começa a descer de que os criminosos venham a ser capturados.

JAPÃO

Neve amarela

TOQUIO, 19.—A população desta cidade mostra-se alarmada com a grande nevada, duma cor amarelada, que há dias está caindo sobre esta cidade. O povo interpreta o fenómeno como um mau augúrio, mas os sábios japoneses dizem que a cor amarela da neve é devida às nuvens de pó levantadas pelo vento no deserto de Gobi, a noroeste do Japão.

ESTADOS UNIDOS

Crise financeira

NOVA-YORK, 19.—A situação financeira dos Estados Unidos parece ter-se agravado nestes últimos dias. Depois das falências declaradas durante o primeiro trimestre deste ano, e apesar das informações oficiais de que a situação industrial do país é excelente, nos centros financeiros desta cidade afirma-se que a crise económica dos Estados Unidos vai entrar agora no seu período crítico.

BRASIL

Um sábio japonês

RIO DE JANEIRO, 19.—Chegou a esta cidade o dr. Noguchi, médico japonês, que descobriu o microbio da febre amarela. O sábio japonês foi recebido carinhosamente pelos seus confrades brasileiros, tendo sido alvo de grandes atenções.

AS GREVES

Operários corticeiros

Ao contrário do que, por lápis, publicamos numa nota da Federação Corticeira, foi na casa Moraes que terminou a greve e não na casa José Jacinto, onde prossegue o movimento.

NO PORTO

Operários mobiliários

PORTO, 18.—Mantém-se ainda na mesma situação a greve dos mobiliários da casa Nascimento, que se estendeu, como noticiamos, a Avintes, onde os mobiliários se mantêm também numa esplêndida atitude.

Os industriais ofereceram 2500 sobre 1500 que já tinham dado, sendo a oferta rejeitada pelos grevistas que não estão dispostos a transigir na sua reclamação, que é de 5500 nos salários superiores a 7500, e 2550 nos inferiores.

Não se tem registado defecções, tendo enfileirado ao lado dos grevistas os encarregados das casas Nascimento, que tinham ficado nas oficinas desde o início da greve. O moral dos grevistas continua sendo ótimo, sendo de prever que a vitória coroarà o seu justíssimo movimento.

A visita aos presos

O sr. França Júnior, director das cadeias civis, determinou, a pedido dos presos do Limoeiro, que nesta cadeia, no Aljube, nas Mónicas e no forte de Monsanto, a visita tenha hoje a duração de 4 horas, iniciando-se às 11 e terminando às 15, seja para os quartos, para as salas ou para as exortações.

Previnem-se as pessoas que se dispõem a visitar os presos, de que não podem sair antes da hora marcada para a terminação da visita.

CONFERÊNCIAS

Núcleo Sindicalista Revolucionário do Porto.—Realiza-se amanhã na sede deste Núcleo, à rua do Bom Jardim, 211, pelas 21 horas, prefissas, uma conferência de carácter social subordinada ao tema «O comunismo na prática e na teoria».

Será conferente o camarada Artur da Costa Gomes, convidando-se a assistir a esta conferência todos os componentes do Núcleo, e bem assim os trabalhadores em geral.

Respondendo a um apelo

Dum oficial de estado maior recebemos a quantia de 10800 para ajuda do custeio das despesas com o processo de Manuel Ramos.

NOVIDADE TÉCNICA

JOÃO JORGE COUTINHO

BETON ARMADO

TEATRO NACIONAL

* HOJE * HOJE *

em 6.ª recita de assinatura a primeira representação do drama em 4 actos, original do notável poeta e dramaturgo

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
O CRIME DE ARRONCHES

Scenários novos

Telefone N. 3049

Guarda-roupa ao rigor do século XVI

A Conferencia Anarquista

Os progressos da propaganda libertária nestes últimos tempos

O movimento anarquista na região portuguesa, atravessou, desde a guerra até há cerca de um ano, uma fase de inércia desanimadora. Apenas na cidade do Porto, o espírito libertário, embora com tendências para cristalizar também, manteve uma certa vitalidade e algum entusiasmo. Em Lisboa, porém, a desorganização foi enorme, com o seu cortejo de desorientação e de desalento. Do mesmo mal enfermou o resto do país.

Há um ano, pouco mais ou menos, alguns espíritos moços tomaram a peito reacender a chama do ideal. No Porto, onde ela scintilava ainda, a notícia de que um movimento de ressurreição se operava, foi recebida com alegria. Por todo o país se recuperavam as energias e se juntavam vontades para a realização do primeiro gesto de fecunda sementeira de ideais nobres. E a conferência de Alentejo, efectuada a 10 de Março do ano findo, pela feição de dois trabalhos, pela identidade de pensamentos que, andando dispersos durante muito tempo, voltavam novamente a abraçar-se com alegria, marcou o início da renovação da propaganda anarquista em Portugal.

Dessa data para cá, sem pressas precipitadas, sem grandes espalhamentos, nem reclamos efêmeros, os trabalhos de organização marcharam com tranquilidade e inabalável firmeza. Os grupos por afinidades multiplicaram-se, as adesões espontâneas choveram e a novel União Anarquista Portuguesa sentiu-se impelida para diante por algumas centenas de vontades sólidas e conscientes.

Muito brevemente reunir-se-ão anarquistas da região do centro, uns sessenta a setenta delegados, que irão constituir mais um elo forte na organização libertária. Obedece esta reunião a uma larga orientação federalista livre, que tende a agrupar em três grandes federações os acrias portugueses: federação do Norte, que nasceu há pouco duma conferência idêntica à que vai realizar agora; federação do centro que incluirá os grupos da Estremadura, Alto Alentejo e parte das Beiras, e federação do Sul que será confluência da intensa propaganda libertária que vai fazer-se no Baixo Alentejo e Algarve.

Pode considerar-se extraordinário o progresso das ideias libertárias no nosso país. Uma pleiade de rapazes novos está-lhes dando, com aplauso franco dos velhos militantes, uma vida e uma força que em breve atingirá na sociedade portuguesa uma importância considerável.

A revista Claridade que em Maio iniciará a sua publicação virá da expulsião de mais larga aos ideais anarquistas que não para os homens de hoje uma moral nova que deve seguir a marcha ascensional que ora se divisa—penetrar mais fundo no coração e nos sentimentos humanos do que as religiões deístas que fizeram a sua época.

Todos os aderentes e assistentes à conferência devem passar hoje até 11 horas, pela travessa da Agua de Flor, 16, 1.ª, a fim de tomarem conhecimento da hora de partida para o local da Conferência.

SUPLEMENTO LITERARIO

DE
A BATALHA

Sumário do número de amanhã

Os mestres do mar: o seu esforço, o seu heroísmo e a sua tragédia (Clichés de A. dos Santos)
Artífices de pintura—A situação social de um pintor quinhentista, pelo dr. Vergílio Correia.
Masaniello—Episódio histórico.
Semana teatral—Crítica da peça «O paraplúvio», de Schwabach, pelo dr. Adolfo Lima.
O idolo, por Jorge Teixeira.
Os grandes compositores—musical, por N. de Brito.
A rede solta—Zinogravura.
Paradoxos bárbaros—Do idolo, por Jaime Brazil.
Gente de teatro—Uma reparação moral que deve ser dada às nossas comédias, por João Quintana.
O trabalho e a vida—O trabalho tipográfico, pelo dr. João Camoeses (com gravuras).

Uma ideia «não comunista» dos comunistas—O erro económico da divisão das terras, pelo dr. Campos Lima.
O que todos devem saber...—Aproveitemos os nossos momentos de descanso para nos instruírmos um pouco.
Chico, Zecas & C.—Página recreativa e instrutiva para crianças. Leiam todas as segundas-feiras o «Suplemento Literário e Ilustrado» de A Batalha, a mais útil, a mais amena e a mais barata das publicações do seu género.

Nenhum operário que estime a cultura do seu espírito deve deixar de ler e de aconselhar aos seus companheiros a sua leitura.

Preço 50 centavos

Aos operários do Município

Prevenção do Sindicato

Em virtude da recente alteração da hora oficial, são prevenidos todos os operários do Município de Lisboa, de que o horário de trabalho por que devem regular-se é das 9 às 18, com um intervalo para refeição das 13 às 14 horas.

Este organismo, confiando na consciência dos seus componentes, espera que o referido horário seja acatado com o maior esmero, a fim de evitar-se que haja quem faça horas suplementares, o que viria engrossar o número dos sem trabalho.

A Comissão Administrativa

O aniversário da Lei da Separação

A Comissão de Beneficência 20 de Abril comemora hoje a promulgação da Lei de Separação do Estado das igrejas, realizando no Teatro Nacional, uma sessão solene em que usará da palavra os srs. Daniel Rodrigues, Agostinho Fortes, Jaime Gouveia, Orlando Marçal, Carneiro de Moura, João Camoeses, Amâncio de Alpoim, Joaquim Domingues, Alexandre Ferreira e Ladislau Batalha, sendo distribuído vestuário e calçado a 160 crianças e abrihantando o acto a banda da G. N. R. Os donativos recebidos pela comissão ascendem já a 10.262\$93.

Conforme já anunciamos, é hoje, pelas 15 horas, que a Junta da freguesia do Socorro, comemora o aniversário da Lei da Separação da Igreja do Estado, promovendo a solene inauguração duma «Marco Fontenário» na rua da Guin, distribuindo em seguida um bôdo a todos os pobres, inscritos no respectivo cadastro.

Usarão da palavra os srs. Ramos de Miranda, Bartolomeu Severino, Joaquim Domingues, Alfredo Quisado, abrihantando o acto a Banda do Pessoal do Comando Geral de Artilharia.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

MOBILIARIA

Associação de Faro.—Segue ofício respondendo com brevidade.
Ponte do Sôr.—M. S.—Receberam os folhetos pedidos?

CAÇADO, COURO E PELES

Jerónimo de Sousa.—Segue para Portugal a coleção do Labor. Indicamos a Figueiredo o teu pedido.
Braga.—Mandem original que dizem.

Trabalhadores.—Lêde e propagação Su-

plemento de A Batalha

CORRIGENDA

Na tese de Organização Metalúrgica saíram umas gralhas, algumas das quais são de fácil reconstituição. Uma, porém, necessita ser corrigida. E na alínea c) Da constituição do Sindicato e suas relações. Onde se lê «cada uma das secções terá um limitado número de membros», deve ler-se «Cada uma das secções terá um comité com limitado número, etc.»

A BATALHA

Número avulso 30 centavos

Preço da assinatura

(Pagamento adiantado)

Lisboa, 1 mês, 7\$50

Provincia e ilhas, 3 meses . . . 22\$50

África 6 meses 54\$00

Brasil, ano 180\$00

Espanha, ano 20\$00

América do Norte, ano . . . 5 dólares

Francia outros países, ano, . 80 francos

APOLO

HOJE, às 9.30 da noite

ALEGRIA e ENTUSIASMO

com os

3 ABSOLUTAMENTE

NOVOS

estreados por LAURA COSTA

A graciosa e deslumbrante

revista

FRUTO PROIBIDO

representada integralmente

e com o novo quadro

«Salon» Belas Artes

Enormíssimo sucesso da

Companhia OTELO DE CARVALHO

ABASTECIMENTOS

O preço da batata

Devido às providências tomadas pelo

Comissário dos Abastecimentos, sobre

os comerciantes do Porto, que na mes-

ma cidade estavam vendendo a batata

a 5 e 6 escudos o quilo, este género

baixou naquela cidade para 3\$50 preço

este ainda bastante exagerado o que

motivou novas ordens daquele funcio-

nário para encerrar os estabelecimentos

que vendiam batata a esse preço.

Em Beja também se está vendendo a

batata a 4\$00 o quilo, tendo sido já

ordenado ao Delegado do Comissário

na mesma cidade, para que proceda

contra os comerciantes que estão fa-

zendo especulação com a venda desse

género, fechando-lhes os estabelecimen-

tos.

Na Praça da Figueira, os vendedores

inauguraram ontem o sistema de

letrados no custo da batata e da cebola,

isto por causa das . . . moscas!

Ostras a 35 centavos

Na próxima terça-feira, nos postos

de venda de peixe do Comissariado,

são postas à venda ostras a 35 centavos

a dúzia, sendo este matisco das ostras

do Montijo, donde é feita a exportação

para o estrangeiro, cuja qualidade

é muito apreciada, chegando a algumas

centenas de francos a serem vendidas a 5

francos a dúzia.

Ovos a 4\$70

Os armazéns reguladores começam

na quarta-feira vendendo ovos a 4\$70

a dúzia, recebidos directamente das

Caldas da Rainha.

Uma vaga de calor

PARIS, 19.—O inglês Wheeler anun-

ciou a um jornalista desta cidade que

entre os dias 20 a 27 de maio haverá

uma vaga de calor na Europa, devendo

a temperatura alcançar em Londres e

Paris mais de 80 graus Fahrenheit, a

sombra, ou seja 27 graus certos.

SOLIDARIEDADE

Aproximando-se a data da festa em

benefício de José da Silva, pede-se a

todos os camaradas que tenham bilhetes

em seu poder que façam a sua en-

tregrá até ao dia 23 do corrente, na

federação da Juventude, Travessa da

Agua de Flor, 16, 1.ª. Passando essa data fi-

cam considerados como vendidos.

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, a

anunciada festa de homenagem a Pedro

da Silva Eça, na Academia Recreativa

Nacional, rua de São Bento, 458.

Iniciará-se por uma conferência pelo

camarada Mário Domingues, seguindo-

se a representação da peça em 1 acto

«A Ceia dos Pobres», do dr. Campos

Lima; um soberbo acto de «Cabaret»,

e um concílio poético por exímios cul-

tadores da Cação Nacional do Grémio

Artístico Amigos do Fado.

Abrilhanta o espectáculo um grupo

musical.

CHAUFFERS em Portugal (Sul)—

No dia 12 reuniu esta associação em

assembleia geral, com bastante concor-

rência de sócios. Aproveitou a Comis-

são de Defesa e Melhoramentos elabo-

rar um trabalho que servisse de base

para se reclamar dos poderes públicos

contra o mau estado das estradas. Apro-

vou-se também um protesto contra a

obra dos galeiros; um voto de senti-

mento pelas vítimas dos últimos desas-

tramentos; e resolveu que a Associação

oficiasse à classe da construção civil a

dar-lhe a sua adesão e solidariedade

aos trabalhos que apresentou e foram

aprovados no Comité que realizou no

Liceu Camões.

A seguir apreciou o relatório e con-

tas da direcção de 1923, bem como as

contas da Comissão de Defesa e Melho-

ramentos, ficando por falta de tempo

para outra assembleia a leitura do rela-

tório desta. Tanto o relatório e contas

da direcção, como as contas da Comis-

são de Defesa e Melhoramentos, foram

aprovados por unanimidade.

Procedeu-se à eleição dos corpos ge-

rentes para o corrente ano, que deu o

seguinte resultado:

Assembleia geral—Presidente, Fran-

cisco Nunes; vice-presidente, António

dos Reis Júnior; 1.º secretário, Fernan-

do Mendonça; 2.º secretário, Artur Co-

mes Serra.

Direcção—Presidente, Hoche de Al-

meida Graça, secretário, José Custódio

da Costa Guimarães; tesoureiro, Car-

los Augusto Guerra; 1.º vogal, Manuel

Garcia; 2.º vogal, Frederico de Melo.

Comissão de Defesa e Melhoramen-

tos—Domingos de Magalhães Bastos,

António Branco Mendonça, Artur Co-

mes Serra, Carlos dos Santos Diniz,

José Manuel dos Anjos Alves, Elísia

Ricardo Coutinho no pé direito.

EDEN TEATRO

Telefone N. 3800

HOJE, às 21.30 horas

2.ª apresentação da Companhia

cómico-dramática espanhola

dirigida pelo primeiro actor

GOMEZ FERRER

o mais entusiástico sucesso

A representação da popularíssima

e sempre festejada peça em 3 actos

Juan José

original de JOAQUIM DICENTA

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação dos Empregados no

Comércio—Junta Sul—Reuniu no dia

17 com a presença de todos os seus

componentes. Foi lido e apreciado expe-

diente da Associação do Sinterim,

Abrantes, Beja e uma circular da C. G.

T. e um ofício da «Vanguardia Meran-

til», de Madrid. Em seguida foi analisa-

do o parecer em resposta à circular da

Secção das Federações sobre a Confe-

rência dos Secretários Gerais que deve-

rá ser presente ao Conselho Geral que

para tratar deste assunto se reúne na

próxima segunda-feira.

Alguns camaradas referiram-se à lei

Campos Lima

escreve-nos uma carta arrumando o incidente levantado a propósito da conferência anarquista

Camada redactor:—Na carta que publiquei e que provocou os reparos de Francisco Quintal, escrevia eu: «Informam-me que alguns jornais fazem referência a um facto... Quer isto dizer que eu não lera a local, artigo, entrevista ou o que foi a Capital publicou. Não tendo podido obter esse jornal, acreditei pelas informações que desse escrito me deram, que algumas pessoas, supostos anarquistas, e não os anarquistas, tinham pensado em evitar que eu tomasse parte na conferência libertária, na qual não queria ali colaborar».

Defendendo, não a minha participação nessa conferência que não desejava, mas o meu nome como propagandista, que, para exercer alguma acção doutrinária, precisa que a sua sinceridade não seja posta em dúvida, vim a público declarar o acto de que me acusava, em que não via, nem Francisco Quintal, nada de incoerente. Se tivesse lido a Capital naturalmente eu não teria ligado tanta importância ao caso.

Isto posto, não compreendo como Francisco Quintal me aparece tam melindrado por uma referência que certamente não abrangia a ele nem a qualquer outro libertário consciente, mas apenas a quem quer que fosse que tendo possibilidade de tomar parte na conferência libertária se disponha a vedar-me a entrada, segundo algum me informou, reproduzindo ou supondo reproduzir o que dissesse a Capital. Meus compreendo eu que fosse a minha qualidade de redactor de O Mundo, cunhando-se ao mesmo tempo de respeito dos anarquistas, que eu aliás não sequer li, parecendo com isto querer envolver-me na responsabilidade que só cabe a quem esse «sueto» escreveu.

Entendido que a minha carta se não referia pois aos anarquistas, mas a indivíduos que alguma vez se tivessem por

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Na próxima sexta-feira realiza no Apolo a sua festa artística a actriz Eli Santos.

—No próximo dia 27, os estudantes da Escola Commercial de «Veiga Beirão» levam à scena no teatro Politeama, a opereta em 3 actos «Juanito», revertere do produto em benefício da sua Caixa Escolar.

Reclames

Esta noite é levada à scena do teatro Nacional, em segunda recita, o drama histórico em 4 actos «O crime de Arronches», que ontem obteve indubitável êxito, sendo entusiasticamente aplaudidos todos os artistas e o autor, o admirável poeta e escritor Henrique Lopes de Mendonça, que nos finais de acto o público que literalmente encheu o teatro, não obstante terem-se dado ontem várias primeiras representações em diversos teatros, ovacionou.

—Hoje repete-se no Coliseu dos Recreios a lindíssima opereta em 3 actos, de Carlos Lombardo e Franz Lehár «A dança das libélulas», que ontem na sua estreia obteve um sucesso extraordinário. O desempenho dos artistas que fazem parte da grande companhia itálica é magnífico, sendo todos os artistas muito aplaudidos. Amanhã é a primeira recita da moda, para a qual já há muitos lugares marcados.

—Foi um verdadeiro acontecimento artístico a reaparição da companhia Lucília Simões, ontem, em São Carlos, «A Vinha do Senhor», peça graciosíssima, das mais belas do seu vastíssimo repertório, teve um bom acolhimento e enorme concorrência, e hoje decerto que voltará a succeder o mesmo, visto repeter-se «A Vinha do Senhor».

—A companhia espanhola que ontem com uma enchente se estreou no Eden, e que foi entusiasticamente aplaudida, representa hoje, ali, pela primeira e única vez, o popularíssimo drama em 3 actos, de Dicenta, «Juan José», cuja distribuição é a seguinte: «Juan José,

gindo-se às duas velhas; é preciso prepará-lo para a morte por meio das torturas...

A perturbação que se tinha apoderado dos francos com o golpe que eu despedira contra Néroweg, impediu-os ao princípio de se oporem ao designio de Elwiz e das duas velhas; até mesmo muitos chefes se reuniram a elas para me empurrarem para a caverna, enquanto outros se apressavam em socorrer o águia terrível, estendido no chão, pálido, inanimado, e com a fronte ensanguentada.

—O nosso grande chefe não está morto, dizem uns; tem as mãos quentes e sente-se-lhe bater o coração.

—E' preciso transportá-lo para a sua barraca... Se ele morrer, tiraremos à sorte os seus cinco cavalos pretos e a sua linda espada gaulesa com copos de ouro.

—Os cavalos e as armas de Néroweg pertencem ao chefe mais antigo depois da sua morte! exclamou um daqueles que amparavam o águia terrível. Esse chefe sou eu... Para mim, serão, pois, os cavalos e as armas!

—Tu mentes! disse aquele que amparava Néroweg do outro lado. Os seus cavalos e as suas armas pertencem-me; e sou o seu companheiro de guerra mais antigo.

—Não! bradaram os outros chefes; não, tudo quanto pertence a Néroweg deve ser tirado à sorte entre nós.

Dos umbrais da caverna, onde eu entrava neste momento, vi a disputa animar-se cada vez mais; as espadas brilhavam e cruzavam-se no meio dum ruído tumultuoso, enquanto que Néroweg, sempre inanimado, era abandonado e pisado aos pés. A luta ia tornar-se sanguinolenta, quando Elwiz, deixando-me à entrada da gruta, se arremessou entre os combatentes esforçando-se em os separar, e bradando com voz estridente:

—Vergonha e maldição aos cobardes que disputam uns aos outros os despojos daquele que ainda

A BATALHA

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

LEIRIA

A G. N. R. e as suas proezas

Um operário bárbaramente espancado por um soldado de cavalaria

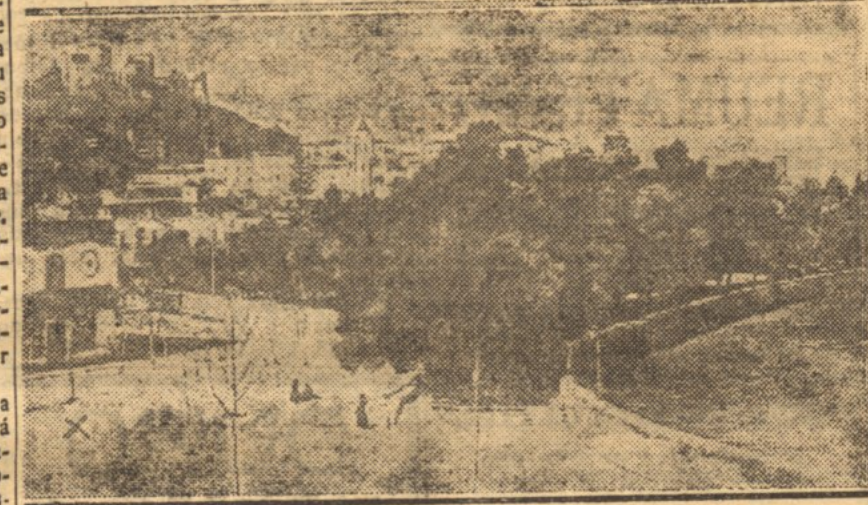
Casas de penhores

LEIRIA, 17. — Além das muitas casas de comércio e de tantas outras, onde o consumidor é roubado descaradamente, uma existe agora em Leiria, que pelo seu indigno modo de comércio, merece a repulsa de toda a gente de consciência.

E' uma casa de penhores, que há poucos dias abriu e que ostenta pomposamente o título de A Redentora, e que brevemente, começará a fazer

rário Joaquim Infante e o proprietário duma das barracas da feira, estando este completamente embriagado, alguns guardas de cavalaria, da referida guarda agrediram bárbaramente às espadadas o referido operário, a ponto de ter de ir (e de baixo de prisão) receber curativo ao hospital civil, pois ficou com a cabeça partida e algumas contusões pelo corpo.

Chamamos a atenção do comandante do posto da referida guarda, nesta ci-



LEIRIA—Um aspecto da cidade

sentir a sua obra nefasta e pernicioso, principalmente no meio operário.

E digo principalmnte, por serem estes, em vista dos irrisórios salários que auferem os mais atingidos com a carestia da vida, que tem como factor principal, a desmedida ganância de toda essa câfila de ladravizes e sugadores do povo, que compõem o comércio.

Uma proeza da guarda

A já celeberrima guarda republicana que, desde as proezas selváticas por ela praticadas, no jardim publico desta cidade — cenas estas, que já mais saíram da mente do povo leiricense — não dava rumor de si, voltou novamente à lica, com os seus processos canibalescos.

No domingo passado, depois duma pequena troca de palavras entre o ope-

O dia 1.º de Maio

Ao que nos consta, a não ser o costumado cortejo ao cemitério, nada mais se fará em Leiria, para comemorar o dia 1.º de Maio o que bem mostra a apatia criminoso em que vive o operariado local.

Não seria mais uma boa jornada para emancipação social, se a Associação Operária, organizasse nesse dia uma conferência, fazendo assim compreender ao operariado local o esforço daqueles mártires da humanidade, que há já anos em Chicago baquearam?

GUARDA

Uma festa de arromba

A reacção e o capitalismo preparam-se para deslumbrao o povo roubado

Um gesto simpático

GUARDA, 16. — Chegou, para os Bombeiros Voluntários, a escada «Miguel», porque há tempos se esperava, para a qual se havia tirado uma subscrição pela cidade.

Com o facto succeder o seguinte, que é digno de nota, pela generosidade e boa lição que representa para os ricos desta terra:

Apenas chegou a escada, o sr. António Nunes Moreira, com casa de hóspedes nesta cidade, de modestos haveres, dirigiu-se singelamente ao comandante da prestimosa corporação, e pediu-lhe, em seu nome e de sua esposa, sr.ª Ana da Conceição Trindade, licença para aceitar o valor da mesma escada, na soma de 1.700\$00.

Este gesto causou entre o povo da Guarda as maiores simpatias, tanto mais que o sr. Moreira não é uma pessoa rica, e não fez alarde, nem anunciou, previamente, nas folhas da terra, o seu acto.

Os ricos é que não estarão dispostos a seguir-lhe o exemplo. Se estivessem, bem poderiam pôr o hospital civil e Asilo de Infância, em condições de cumprir integralmente a sua missão sem dificuldades.

Uma festa reacconária

A nossa democrática Câmara, imaginou realizar este ano, festa da cidade, pelo São João, dias 22, 23, 24 e 25 de Junho, com o seguinte programa:

Recepção e manifestações aos automobilistas que andam na volta a Portugal; batalha de flores; desafio de football; inauguração duma praça de touros (que ainda se ha de construir) com uma toureira; concurso hípico; inauguração do campo de aviação (também a construir) com a vinda de aviadores; exposição agrícola, com a construção de pavilhões, na mata; ballados de tricanas, vindas de Coimbra; congresso distrital; festas religiosas de São Pedro e do Bonfim; concurso de bandas de música; iluminações à veneziana, guaiava.

Desastre mortal

Na enfermaria n.º 7 do hospital do Desterro, faleceu ontem Valério Pedro Raposo, carroceiro, residente na Casal Filipe, à Cascalheira, que, como noticiámos, no dia 14 ultimo na rua do Arco do Carvalhão caiu da carroça que

arraial e concurso de pirotécnicos; missa campal, etc., etc.

Promoveu as necessárias reuniões, preliminares entre as chamadas forças vivas e a ideia parece que foi bem recebida antes de se falar nas despesas para tais festas, computadas por alguns em 300 contos. Ao combinar a proveniência das receitas houve, o que parece grande desacôrdo. A associação Commercial é que tinha de se responsabilizar por todas as somas a gastar até às contas finais, segundo o entender de vinte e três comissões nomeadas. Mas a Associação Commercial, que, pelos modos, não viu lucros no negócio, não esteve pelos ajustes e abespinhou-se, parecendo que as fantasmagóricas festas estão em riscos de sossobrar.

Para a última reunião foi convidada também a Associação 1.º de Maio, a fim de colaborar na fenomenal pantomima. O sr. Amadeu Sequeira, delegado, condenou vários números do programa como a toureira, e afirmou que a colaboração nos festejos só poderia ser resolvida por uma assembleia geral da sua colectividade.

Procedeu bem o sr. Amadeu Sequeira. Poderia a Associação 1.º de Maio colaborar, sem ponderação numas festas de natureza tam extravagante, tam desequilibrada, em que há toureadas e missa campal, num momento em que os politicos pretendem, a todo o transe, encobrir os seus crimes, em que a vida encarece, em que o câmbio se agrava, em que a batata se vende a 30 escudos, em que o povo trabalhador sofre o maior dos desrespeitos pelos que governam e as mais ignóbeis especulações pelos que podem especular, à sombra da lei e fora da lei?

A Associação 1.º de Maio, que representa o povo trabalhador da Guarda, não deve colaborar em festas promovidas pelos politicos, pelo comércio, e pela Companhia de Jesus, sob pena de deixar de cumprir o seu dever social, que consiste em defender o proletariado contra todas as oligarquias, contra todas as explorações. Os politicos pretendem arranjar ambiente propício a seus fins eleitorais; o comércio pretende multiplicar seus apuros; a Companhia de Jesus pretende voltar a monarquia ou para os autos de fé. No fim de contas quem paga tudo, quem sofre tudo é o povo. O povo trabalhador da Guarda não só deve deixar de colaborar nas festas, mas também abster-se absolutamente de fazer qualquer despesa extraordinária nesses dias. Firmeza nos princípios, coerência é o que aconselhamos.

Não queiramos confundir-nos com esses republicanos de mer...ão, que ainda há pouco eram livres pensadores dos quatro costados, ateus orgulhosos e agora não perdem o minimo ensejo de adular a sotaína e quantos monarcas aqui há.—C.

Lisboa na rua

Na sala de observações do Banco do hospital de São José deu entrada Carlos André, calceteiro, residente na rua da Inveja, 41, r/c, que na Charneca caiu de uma carroça, ficando ferido no rosto e cabeça.

—Na enfermaria de Santo Alberto do mesmo hospital, deu entrada Manuel Marques, residente na Colegã, que na residência caiu de um sótão, fracturando o braço direito e ficando ferido na cabeça.

—No Banco do hospital de São José recebeu curativo, recolhendo depois a casa, Joaquim Augusto de Barros, residente na rua Visconde Valmor, F. P. L. 3.º, que no Campo Pequeno caiu de um cavalo, fracturando a perna direita.

—Também no mesmo Banco recebeu curativo Guilherme Ramos, residente na Ponte de Frieiras, trabalhador, que na Calçada do Carriche caiu de uma carroça ficando ferido na cabeça.

Agressão

No Banco do hospital de São José recebeu curativo Jorge Rezende, residente na rua Rodrigues Faria, 105, r/c, que na rua da Creche foi agredido, ficando ferido no rosto.

Desastre mortal

Na enfermaria n.º 7 do hospital do Desterro, faleceu ontem Valério Pedro Raposo, carroceiro, residente na Casal Filipe, à Cascalheira, que, como noticiámos, no dia 14 ultimo na rua do Arco do Carvalhão caiu da carroça que

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

guaiava.

GININA

TINTA DE ÁGUA

FABRICO DA COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de venda:

Dias & Pinto Lopes, L. da

75, R. Passos Manuel—Pôrto

A venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

QUEM PRECISAR

de retratos reproduzidos e ampliação de diri se a José Benedito, administração do jornal A

Batalha, mesmo que os originaes estejam estragados. Boa

excoção e metadado pagamento adiantado porque o anúncio não tem dinheiro para

empatar. Retratos grandes do velho Avila a 80\$00 e 55\$00 cada um, formato 40 x 50 e de 30 x 40 cm.

Pagamento adiantado na administração deste jornal

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova do Carvalho, 18 (junto ao arco pequeno).

A aparecer brevemente:

O Estado e a Revolução

por N. LENINE

versão portuguesa de MANUEL RIBEIRO

Obra de actualidade, sobre história, sociologia e critica

Pedidos à Livraria Peninsular, Editora

RUA DO POÇO DOS NEGROS, 79

— LISBOA —

LIMAS

As melhores ao preço da União. Tomé Feteira, Vieira de Leiria—Pedir em todas as lojas de arranjados e livrarias em preços especiais.

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS para com as melhores indústrias.

CHUMBO

Compra-se e muitos outros artigos metálicos. Albino Lameiro, Travessa dos Mestros, 25 (ao Conde Barão). Telefone 974 C.

TEATRO GIL VICENTE

(A GRAÇA)

Empresa Achilles, Cunha, Delgado & Agripino

HOJE — Domingo, 20

e amanhã

Segunda-feira, 21

A Galdéria

Preços populares—A's Segundas-feiras 30 % de abatimento aos sócios da Caixa Economica Operária a Voz do

Operária

Não se esqueçam

De que em todo o país só os fabricantes

Donas, da Covilhã

Vendem, directamente ao público, todas as qualidades de fazendas de lã para

Fatos e vestidos

em todos os padrões e cores por preços baratíssimos ao alcance de todas as bolsas.

Depósitos de vendas a retalho

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 302-A

OS AMARELOS

— DO —

"Correio da Manhã"

Para conhecimento de todos os leitores, publicam-se os nomes dos indivíduos que estiveram tirando o quadro gráfico do jornal Correio da Manhã a fim de que nas oficinas onde qualquer deles appareça lhe seja prestado o devido e merecido «auxílio»:

César Ramalho, (que chefiava), Avenida 5 de Outubro, S. S. C.;

Célio Augusto Marques, (que fazia de pagador) 1.º torpedeiro da Armada, ao serviço e filiado nas Juventudes Monarquicas, rua Benfornoso, 139;

José Augusto Correia de Lemos, (O Sebento), travessa do Combro, 7, ch. 1.º;

Eduardo Moreira, rua Heróis de Kionga, 23, rés-do chão, esquerdo;

José Vidigal, natural de Setúbal, rua da Era, 19, 2.º;

Francisco Bastos, Avenida 5 de Outubro, S. S. C.;

Francisco Reis, rua da Rosa, 140, 5.º;

J. António Amaral, rua Vitorino Damásio, 26, 4.º-D.;

José Campos, rua do Sol, 36, 2.º-D.;

Manuel S. Guerra, rua do Passadizo, 22, 3.º-E.;

José S. Pinto, rua da Atalaia, 132, 1.º;

Afonso H. Mesquita e E. C. Ferreira, naturais do Seixal;

Paulo Augusto Ribeiro, (O Malhado), ex-polícia, rua de Campolide, 214, rés-do-chão;

Carlos Baptista, (O Cebo), rua da Procição, 102, 4.º;

Augusto Costa, (O Pan Preto), largo do Corpo Santo, 6, 5.º;

Fontes Machado, Bico Belo, 22, loja;

Adelino Marques, rua Maria Pia, Monte Prado, N. N.;

José Ribeiro dos Santos;

Abel Ferreira Franco, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 14, 6.º-D.;

Artur Ferreira Franco, rua do Arco do Marquês do Alentejo, 14, 6.º-D.;

Jaime Ferreira, rua Capitão Alentejo, 65.

Esta lista deve ser cortada e colocada nas oficinas, para que não sejam esquecidos.

Aos Funileiros e soldadores

SOLDA de estanho, muito fina, solda para maçarico, estanho e chumbo em barra.

Todas as soldas são de máxima confiança a preços reduzidos.

METAL ANTI-FRICÇÃO

- das melhores marcas -

CARLOS A. SANTOS

80, Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auor única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor isca e que tem maior duracia.

Dizão 60 centavos (cuidado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rodinhas, taboas, pipos e tambores, aos melhores preços para revenda.

Pedidos a:

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

